

*O fantasma
da Ópera*

O fantasma da Ópera

Gaston Leroux

Tradução:

MÁRIO LARANJEIRA

Ilustrações:

ALEXANDRE COELHO

ea

editora ática

Título original: *Le Fantôme de l'Opéra*
Título da edição brasileira: *O fantasma da Ópera*

Editor Fernando Paixão
Editor assistente Otacílio Nunes
Preparadora Isabel Cristina Melo Rodrigues
Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista
Revisora Ana Luiza Couto

ARTE
Ilustrações de capa e internas Alexandre Coelho
Editor Marcello Araujo
Editoração eletrônica EXATA editoração eletrônica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
L626f

Leroux, Gaston, 1868-1927
O fantasma da Ópera / Gaston Leroux ; tradução de Mário Laranjeira ; ilustração Alexandre Coelho. - 3.ed. - São Paulo : Ática, 2000.
328p. : il. - (Eu Leio)

Tradução de: Le Fantôme de l'Opéra
Inclui apêndice informativo
ISBN 978-85-08-06886-9

1. Romance francês. I. Laranjeira, Mário. II. Título. III. Série.

10-0519. CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

ISBN 978 85 08 06886-9 (aluno)

CL: 731025

CAE: 220725

2019

3ª edição

17ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – Pinheiros – São Paulo-SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.coletivoleitor.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

PREFÁCIO	7
I <i>É o fantasma?</i>	13
II <i>A nova Margarida</i>	23
III <i>Em que, pela primeira vez, os srs. Debienne e Poligny dão, em segredo, aos novos diretores da Ópera, srs. Armand Moncharmin e Firmin Richard, a verdadeira e misteriosa razão de sua saída da Academia Nacional de Música</i>	36
IV <i>O camarote nº 5</i>	44
V <i>Sequência do camarote nº 5</i>	53
VI <i>O violino encantado</i>	60
VII <i>Uma visita ao camarote nº 5</i>	81
VIII <i>Em que os srs. Firmin Richard e Armand Moncharmin têm a audácia de fazer representar Fausto numa sala maldita, e o pavoroso acontecimento que disso resultou</i>	84
IX <i>O misterioso cupê</i>	102
X <i>No baile de máscaras</i>	111
XI <i>É preciso esquecer o nome da “voz de homem”</i>	125
XII <i>Acima dos alçapões</i>	130
XIII <i>A lira de Apolo</i>	140
XIV <i>Um golpe de mestre do amador de alçapões</i>	168
XV <i>Singular atitude de um alfinete de pressão</i>	181
XVI <i>Christine! Christine!</i>	187
XVII <i>Revelações espantosas da sra. Giry, relativas às suas relações pessoais com o fantasma da Ópera</i>	191
XVIII <i>Continuação da curiosa atitude de um alfinete de pressão</i>	204
XIX <i>O delegado de polícia, o visconde e o Persa</i>	211
XX <i>O visconde e o Persa</i>	218
XXI <i>Nos subterrâneos da Ópera</i>	226

XXII	<i>Interessantes e instrutivas tribulações de um persa nos subterrâneos da Ópera</i>	245
XXIII	<i>No quarto dos suplícios</i>	260
XXIV	<i>Começam os suplícios</i>	269
XXV	<i>“Tonéis! Tonéis! Têm tonéis para vender?”</i>	275
XXVI	<i>É preciso girar o escorpião? É preciso girar o gafanhoto?</i>	288
XXVII	<i>Fim dos amores do fantasma</i>	297
EPÍLOGO		308
GASTON LEROUX		317

Prefácio

Em que o autor desta obra singular
conta ao leitor como foi levado a
adquirir a certeza de que o fantasma
da Ópera realmente existiu

O fantasma da Ópera existiu. Não foi, como muito tempo se acreditou, uma inspiração de artistas, uma superstição de diretores, a criação aloucada de cérebros excitados de donzelas do corpo de baile, das mães delas, das “lanterninhas”, dos funcionários do vestiário e da portaria.

Ele existiu, sim, em carne e osso, ainda que assumisse a aparência de um verdadeiro fantasma, isto é, de uma sombra.

Chamara-me a atenção, desde o início, quando comecei a compulsar os arquivos da Academia Nacional de Música, pela coincidência surpreendente entre os fenômenos atribuídos ao fantasma e ao mais misterioso, ao mais fantástico dos dramas e logo eu deveria ser levado à ideia de que talvez se pudesse racionalmente explicar este por aquele. Os acontecimentos datam de apenas uns trinta anos atrás e não seria difícil encontrar ainda hoje, na própria academia de balé, anciãos muito respeitáveis, cuja palavra não se pode colocar em dúvida, que se lembram, como se o fato datasse de ontem, das condições misteriosas e trágicas que acompanharam o rapto de Christine Daaé, o desaparecimento do visconde de Chagny e a morte do seu irmão mais velho, o conde

Philippe, cujo corpo foi encontrado à beira do lago que se estende nos baixos da Ópera de Paris, do lado da rua Scribe. Mas nenhuma dessas testemunhas acreditara até esse dia que devesse associar a essa pavorosa aventura a personagem lendária do fantasma da Ópera.

A verdade foi lenta em penetrar o meu espírito perturbado por uma busca que se chocava a cada instante com acontecimentos que, à primeira vista, podiam julgar-se extraterrestres, e, mais de uma vez, estive prestes a abandonar uma tarefa em que me extenuava a perseguir — sem nunca agarrá-la — uma vã imagem. Finalmente, tive a prova de que os meus pressentimentos não me haviam enganado e fui recompensado de todos os meus esforços no dia em que adquiri a certeza de que o fantasma da Ópera tinha sido mais do que uma sombra.

Nesse dia, eu passara longas horas em companhia das “Memórias de um diretor”, obra ligeira do céptico Moncharmin, que nada entendeu, durante a sua passagem pela Ópera, da conduta tenebrosa do fantasma, e que pilheriou a respeito tanto quanto pôde, no momento mesmo em que ele era a primeira vítima da curiosa operação financeira que se dava no interior da “verba mágica”.

Desesperado, eu acabava de sair da biblioteca quando encontrei o simpático administrador de nossa Academia Nacional, que proseava num patamar com um velhinho esperto e frajola, a quem me apresentou alegremente. O administrador estava a par das minhas pesquisas e sabia com que impaciência eu tinha em vão tentado descobrir o paradeiro do juiz que instruíra o famoso processo Chagny, M. Faure. Não se sabia o que acontecera com ele, morto ou vivo; e eis que, recém-chegado do Canadá, onde passara quinze anos, a primeira coisa que fizera em Paris fora vir procurar um lugar de cortesia na secretaria da Ópera. Aquele velhinho era o próprio M. Faure.

Passamos uma boa parte da tarde juntos e ele contou-me o caso Chagny tal como o havia entendido na época. Tinha sido obrigado a concluir, por falta de provas, pela loucura do visconde e pela morte acidental do irmão mais velho, mas continuava persuadido de que um drama terrível se passara entre os dois irmãos a respeito de Christine Daaé. Não soube me dizer o que fora feito desde então de Christine, nem do visconde. Evidente, quando lhe falei do fantasma, ele apenas sorriu. Também ele tinha sido posto a par das singulares manifestações que pareciam então ates-

tar a existência de um ser excepcional que elegera domicílio num dos recantos mais misteriosos da Ópera e tomara conhecimento da história da “verba”, mas não tinha visto em tudo isso nada que pudesse chamar a atenção do magistrado encarregado de instruir o processo Chagny, e mal ouviu por instantes o depoimento de uma testemunha que se apresentara espontaneamente para afirmar que tinha tido a oportunidade de encontrar o fantasma. Essa personagem — a testemunha — outra não era senão aquela a quem o Tout-Paris chamava “o Persa” e que era bem conhecido por todos os assinantes da Ópera. O juiz tomara-o por um iluminado.

Você não imaginam como fiquei prodigiosamente interessado por essa história do Persa. Quis encontrar, caso ainda fosse tempo, essa preciosa e original testemunha. Graças à minha boa fortuna que tomou a dianteira, consegui descobri-lo em seu pequeno apartamento da rua de Rivoli, que não havia abandonado desde aquela época e onde viria a morrer cinco meses depois da minha visita.

De início, fiquei desconfiado; mas depois que o Persa me contou, com uma candura de criança, tudo que sabia pessoalmente do fantasma e me entregou com toda propriedade as provas de sua existência e em particular a estranha correspondência de Christine Daaé, correspondência que aclarava com uma luz tão ofuscante o seu pavoroso destino, não mais me foi possível duvidar! Não! Não! O fantasma não era um mito!

Sei muito bem que me responderam que toda essa correspondência talvez não fosse autêntica e que podia ter sido fabricada por um homem cuja imaginação tivesse sido alimentada pelos contos mais sedutores, mas me foi possível, felizmente, descobrir a letra de Christine fora do famoso pacote de cartas e, por conseguinte, entregar-me a um estudo comparativo que eliminou qualquer dúvida.

Documentei-me igualmente a respeito do Persa e assim apreciei nele um homem de bem incapaz de inventar uma maquinação que pudessem perturbar as pistas da Justiça.

É aliás a opinião das mais eminentes personalidades que em maior ou menor grau estiveram ligadas ao caso Chagny, que foram amigas da família, às quais expus todos os documentos e diante das quais relatei todas as minhas deduções. Recebi dessa parte os mais nobres incentivos e me permitirei reproduzir aqui algumas linhas que me foram endereçadas pelo General D...

Prezado senhor,

Não poderia eu deixar de incitá-lo a publicar os resultados de sua pesquisa. Lembro-me perfeitamente de que, algumas semanas antes do desaparecimento da grande cantora lírica Christine Daaé e do drama que enlutou todo o Faubourg Saint-Germain, falava-se muito, na academia de dança, do fantasma, e creio mesmo que só se deixou de falar a respeito em seguida ao processo que ocupava todas as mentes; mas, se for possível, como acredito depois de tê-lo ouvido, explicar o drama pelo fantasma, rogo-lhe, meu senhor, volte a falar-nos do fantasma. Por mais misterioso que este possa de início parecer, será sempre mais explicável que essa sombria história em que pessoas mal-intencionadas quiseram ver dilacerar-se até a morte dois irmãos que se adoraram a vida toda...

Queira aceitar, etc.

Finalmente, com o dossiê em mãos, eu havia de novo percorrido todo o vasto domínio do fantasma, o formidável monumento de que fizera o seu império, e tudo aquilo que os meus olhos tinham visto, tudo aquilo que a minha mente tinha descoberto, corroborava admiravelmente os documentos do Persa, quando um achado maravilhoso veio coroar de maneira definitiva os meus trabalhos.

Todos se lembram de que, recentemente, ao se fazerem escavações no subsolo da Ópera para aí enterrar as vozes fonografadas dos artistas, a picareta dos operários pôs a descoberto um cadáver; ora, tive imediatamente a prova de que tal cadáver era o do fantasma da Ópera! Fiz até com que o próprio administrador tocasse com a própria mão essa prova e, agora, é para mim indiferente que os jornais contem que foi encontrada uma vítima da Comuna.

Os infelizes que foram massacrados, quando da Comuna, nos porões da Ópera, não estão enterrados desse lado; posso dizer onde encontrar os seus esqueletos, bem longe dessa cripta imensa onde haviam acumulado, durante o cerco de Paris, toda espécie de mantimentos. Dei com esses vestígios justamente quando procurava os restos do fantasma da Ópera, que eu não teria encontrado não fosse o inaudito acaso do sepultamento das vozes dos vivos!

Voltaremos a falar desse cadáver e do que convém fazer com ele; agora importa-me terminar este muito necessário prefácio agradecendo os modestíssimos comparsas que, como o delegado de polícia Mifroid (a tempo chamado para as primeiras verificações quando do desaparecimento de Christine Daaé), como ainda o antigo secretário Rémy, o antigo administrador Mercier, o antigo chefe de canto Gabriel e, mais particularmente, a baronesa de Castelot-Barbezac, que foi outrora a “pequena Meg” (e que disse não se envergonha), a mais encantadora estrela de nosso admirável corpo de balé, filha primogênita da honorável sra. Giry — antiga e falecida lanterninha do camarote do fantasma —, prestaram-me a mais útil ajuda e graças aos quais vou poder, com o leitor, reviver, nos menores detalhes, aquelas horas de puro amor e espanto.*

* Eu seria um ingrato se não agradecesse igualmente, à porta desta espantosa e verídica história, à direção atual da Ópera, que se prestou tão amavelmente a todas as minhas investigações e, em particular, a M. Messenger; também ao simpaticíssimo administrador M. Gabion e ao amabilíssimo arquiteto encarregado da boa conservação do monumento, que não hesitou em me emprestar os livros de Charles Garnier, embora estivesse mais ou menos certo de que eu não lhos devolveria. Enfim, resta-me reconhecer de público a generosidade do meu amigo e antigo colaborador M. J.-L. Croze, que me permitiu pesquisar em sua admirável biblioteca teatral e dela retirar por empréstimo edições únicas que lhe eram muito caras. — G. L.

AO MEU VELHO IRMÃO JO

Que, nada sabendo de fantasma, nem por isso
deixa de ser, como Erik, um Anjo da música.

Com toda a afeição,
Gaston Leroux.

I

É O FANTASMA?

Naquela tarde, a mesma em que os srs. Debienne e Poligny, diretores demissionários da Ópera, davam a sua última noite de gala, por ocasião de sua retirada, o camarim de Sorelli, uma das primeiras bailarinas da Ópera, era subitamente invadido por uma meia dúzia daquelas moças do corpo de baile que retornavam do palco após terem “dançado” *Polyeucte*. Precipitaram-se ali em grande confusão, algumas dando risos excessivos e outras, gritos de terror.

A bailarina Sorelli, que desejava ficar sozinha um instante para “repassar” o elogio que ela deveria pronunciar logo mais na academia, diante dos srs. Debienne e Poligny, viu com mau humor toda essa turba estouvada atirar-se atrás dela. Voltou-se para as colegas e ficou tomada também de uma emoção tumultuosa. Foi a pequena Jammes — narizinho caro à Grevin, olhos de miosótis, faces de rosas, colo de lírio — que deu motivo a isso em três palavras, com voz trêmula, sufocada pela angústia:

— É o fantasma!

E fechou a porta a chave. O camarim de Sorelli era de uma elegância oficial e banal. Um psychê, um divã, um toucador e alguns armários constituíam a mobília necessária. Algumas gravuras na parede, lembranças da mãe, que conhecera os belos dias da antiga Ópera da rua Le Peletier. Retratos de Vestris, de Gardel, de Dupont, de Bigottini. Esse camarim parecia um palácio para as meninas do corpo de baile, alojadas em quartos comuns, onde passavam o tempo cantando, discutindo, batendo nos cabeleiros e nas figurinistas e tomando copinhos de cassis ou de cerveja, ou mesmo de rum, até o aviso dado pela badalada do sino.

Sorelli era muito supersticiosa. Ao ouvir a pequena Jammes falar do fantasma, arrepiou-se toda e disse:

— Bestinha!

E, como ela era a primeira a acreditar nos fantasmas em geral e no da Ópera em particular, quis imediatamente colher informações.

— Você o viu? — perguntou.

— Como estou vendo você! — replicou gemendo a pequena Jammes, que, já não se aguentando mais de pé sobre as pernas, deixou-se cair numa cadeira.

E logo a pequena Giry, olhos de jabuticaba, cabelos de nanquim, tez de bistre, com sua pobre pelezinha sobre os seus pobres ossinhos, acrescentou:

— Se for ele, ele é bem feio!

— Oh! sim — fez o coro das bailarinas.

E falaram todas juntas. O fantasma tinha aparecido como um senhor de trajes negros que se erguera de repente na frente delas, no corredor, sem que se pudesse saber de onde viera. A aparição fora tão repentina que se podia acreditar que saíra da muralha.

— Bah! — fez uma delas que havia mantido mais ou menos o sangue-frio —, vocês veem o fantasma por toda parte.

E é verdade que, havia alguns meses, só se falava na Ópera desse fantasma de trajes negros que passeava como uma sombra de alto a baixo do edifício, que não dirigia a palavra a ninguém, a quem ninguém ousava falar e que se esvanecia, aliás, logo que alguém o via, sem que se pudesse saber por onde nem como. Não fazia barulho ao caminhar, como convém a um fantasma de verdade. As pessoas começaram por rir disso e por zombar dessa alma penada vestida como um mundano ou como um papa-defunto, mas a lenda do fantasma tomou logo proporções colossais no corpo de baile. Todas alegavam ter encontrado mais ou menos esse ser extranatural e ter sido vítimas de seus malefícios. Quando não se deixava ver, marcava a sua presença ou passagem com fatos esquisitos ou funestos pelos quais a superstição generalizada o tornava responsável. Havia um acidente a deplorar, alguma colega pregava uma peça a uma das moças do corpo de baile, sumia um arminho de pó de arroz? Tudo era culpa do fantasma, do fantasma da Ópera!

Na verdade, quem o tinha visto? Podem encontrar-se muitos trajes negros na Ópera que não são de fantasmas. Mas esses tinham uma característica que nenhum outro traje negro tem. Eles vestiam um esqueleto.

Pelo menos é o que diziam aquelas moças.

E ele tinha, naturalmente, uma caveira.

Tudo isso era sério? A verdade é que a imagem do esqueleto tinha nascido da descrição do fantasma feita por Joseph Buquet, maquinista-chefe, que, este sim, o vira realmente. Ele tinha trombado — não se poderia dizer nariz com nariz, já que o fantasma não o tinha — com a misteriosa personagem na escadinha que, depois da rampa, desce diretamente aos baixos. Teve tempo de visualizá-lo por um segundo — pois o fantasma fugiu — e conservara uma lembrança indelével dessa visão.

E eis o que disse Joseph Buquet do fantasma a quem quisesse ouvir:

“Ele é de uma magreza prodigiosa e a sua roupa preta flutua sobre uma estrutura esquelética. Tem os olhos tão profundos que não se distinguem as pupilas imóveis. Apenas se veem, em suma, dois grandes buracos negros como nos crânios dos mortos. Sua pele, que fica esticada por sobre a ossatura como um couro de tambor, não é branca, mas feiamente amarela; o nariz é tão pouca coisa que não se vê de perfil, e a *ausência* desse nariz é horrível *de se ver*. Três ou quatro longas mechas pardas sobre a testa e atrás das orelhas fazem as vezes de cabeleira”.

Em vão Joseph Buquet perseguira essa estranha aparição. Ela desaparecera como por encanto e ele não pôde encontrar-lhe o rastro.

Esse maquinista-chefe era um homem sério, acomodado, de imaginação lenta, e estava sóbrio. Sua fala foi ouvida com estupor e interesse, e logo apareceram pessoas para dizer que também elas haviam cruzado com uns “trajes negros em uma caveira”.

As pessoas sensatas que tiveram notícia dessa história afirmaram primeiro que Joseph Buquet tinha sido vítima de uma brincadeira armada por algum de seus subordinados. E a seguir aconteceram, um após outro, incidentes tão curiosos que os mais espertos começaram a se atormentar.

Um tenente do corpo de bombeiros, isso é gente corajosa! Gente que não tem medo de nada, não tem medo principalmente de fogo!

Pois bem, o tenente do corpo de bombeiros em questão*, que tinha ido fazer uma ronda nos baixos e se tinha aventurado, ao que parece, um pouco mais longe do que de costume, reapareceu de repente sobre o tablado, pálido, assustado, trêmulo, com os olhos fora das órbitas, e quase desmaiou nos braços da nobre mãe da pequena Jammes. E por quê? Porque tinha visto avançar para ele, *à altura da cabeça, mas sem corpo, uma cabeça de fogo!* E eu repito, um tenente do corpo de bombeiros é gente que não tem medo de fogo.

Esse tenente do corpo de bombeiros chamava-se Papin.

O corpo de baile ficou consternado. Primeiro essa cabeça de fogo não correspondia absolutamente à descrição que Joseph Buquet dera do fantasma. Fizeram-se muitas perguntas ao bombeiro, interrogou-se de novo o maquinista-chefe, depois do que as moças ficaram persuadidas de que o fantasma tinha várias cabeças que trocava conforme queria. Naturalmente, elas imaginaram que corriam os maiores riscos. Do momento em que um tenente do corpo de bombeiros não hesitava em desmaiar, corifeias e coristas biso-nhas — “ratinhos” na gíria da Ópera — podiam invocar bastantes desculpas para o terror que as fazia fugir com toda a força de suas patinhas quando passavam diante de algum buraco escuro de um corredor mal iluminado.

Tanto assim que, para proteger, na medida do possível, o monumento entregue a tão horríveis malefícios, a própria Sorelli, cercada de todas as bailarinas e seguida até pela meninada das classes iniciais em roupa de malha, havia colocado — no dia seguinte ao da história do bombeiro —, sobre a mesa que se encontra no vestíbulo do porteiro, do lado do pátio da administração, uma ferradura que qualquer pessoa que penetrasse na Ópera, a qualquer título que não fosse o de espectador, devia tocar com a mão antes de colocar o pé no primeiro degrau da escada. E isso sob pena de se tornar a vítima do poder oculto que se tinha apossado do edifício, dos porões ao sótão!

Essa ferradura, como aliás toda esta história, não a inventei, infelizmente, e ainda hoje se pode vê-la em cima da mesa do ves-

* Este caso, igualmente autêntico, foi-me contado pelo próprio Pedro Gailhard, ex-diretor da Ópera.

tíbulo, na portaria, quando se entra na Ópera pelo pátio da administração.

Aí estão alguns elementos que dão rapidamente uma ideia do estado de alma daquelas moças, no dia em que penetramos com elas no camarim de Sorelli.

— É o fantasma! — gritara pois a pequena Jammes.

E a inquietação das bailarinas só havia crescido. Agora um silêncio angustiante reinava no camarim. Só se ouvia o ruído das respirações ofegantes. Enfim, tendo Jammes se lançado, com as marcas de um sincero pavor, até o canto mais recuado da muralha, murmurou esta única palavra:

— Escutem!

Parecia a todos, de fato, que um roçar se fazia ouvir atrás da porta. Nenhum ruído de passos. Dir-se-ia de uma seda ligeira que escorregasse sobre um painel. Depois, mais nada. Sorelli tentou mostrar-se menos pusilânime do que as suas companheiras. Avançou rumo à porta e perguntou com voz trêmula:

— Quem está aí?

Mas ninguém respondeu.

Então, sentindo sobre si os olhares que vigiavam os seus menores gestos, ela se esforçou para ser corajosa e disse bem forte:

— Há alguém atrás da porta?

— Oh! sim! sim! certamente há alguém atrás da porta! — repetiu aquela ameixinha seca da Meg Giry, que segurou heroicamente Sorelli pela saia de filó... — Por favor, não abra! Meu Deus, não abra!

Mas Sorelli, armada com um estilete que estava sempre com ela, ousou virar a chave na fechadura e abrir a porta, enquanto as bailarinas recuavam até a toailete e Meg Giry suspirava:

— Mamãe! Mamãe!

Sorelli olhou corajosamente no corredor. Estava deserto; uma borboleta de fogo, na sua prisão de vidro, lançava um clarão vermelho e turvo no meio das trevas ambientes, sem chegar a dissipá-las. E a bailarina fechou bruscamente a porta com um grande suspiro:

— Não — disse ela —, não há ninguém!

— No entanto, bem que nós o vimos! — afirmou ainda Jammes retomando com passos tímidos o seu lugar junto de Sorelli. — Ele deve estar em algum lugar por aí, rondando. Eu não volto para me vestir. Deveríamos descer à academia juntas, imediatamente, para o “elogio”, e subiríamos de volta juntas.

Nesse momento, a menina tocou piedosamente a figuinha de coral que se destinava a livrá-la do azar. E Sorelli desenhou, às escondidas, com a ponta da unha rósea do polegar direito, uma cruz de Santo André sobre o anel de madeira que lhe envolvia o anular da mão esquerda.

“Sorelli”, escreveu um cronista célebre, “é uma bailarina alta, bela, de rosto grave e voluptuoso, com uma cintura tão flexível quanto um ramo de salgueiro; diz-se comumente dela que é ‘uma bela criatura’. Os seus cabelos loiros e puros coroam uma fronte opaca abaixo da qual se incrustam dois olhos de esmeralda. Sua cabeça balança suavemente sobre o pescoço longo, elegante e altivo, como uma garça. Quando dança, tem um movimento de quadris indescritível, que dá a todo o seu corpo um estremecer de inefável langor. Quando ergue os braços e se inclina para começar uma pirueta, acusando assim todo o desenho do busto, e a inclinação do corpo faz ressaltar a anca dessa deliciosa mulher, parece que é um quadro capaz de levar qualquer um a dar um tiro na cabeça”.

Em matéria de cérebro, parece fato verificado que ela não teve muito. Ninguém a recriminava por isso.

Ela disse ainda às pequenas bailarinas:

— Meninas, é preciso se “recomporem”!... O fantasma, talvez nunca ninguém o tenha visto!...

— Sim! sim! Nós o vimos!... nós o vimos agora mesmo! — replicaram as meninas. — Ele tinha uma caveira em lugar do rosto e a sua roupa era negra, como na noite em que apareceu a Joseph Buquet!

— E Gabriel também o viu!... — acrescentou Jammes — nada menos que ontem! ontem à tarde... em pleno dia...

— Gabriel, o mestre de canto?

— É sim... Como! Vocês não estão sabendo?

— E estava com os seus trajes, em pleno dia?

— Quem? Gabriel?

— Não! O fantasma!

— Lógico que ele estava com os seus trajes! — afirmou Jammes. — Foi o Gabriel mesmo quem me disse... Por causa das roupas que ele o reconheceu. E vejam como aconteceu. O Gabriel estava no escritório do gerente. De repente, a porta se abriu. Era o Persa que estava entrando. Vocês sabem quanto o Persa tem “olho mau”.

— Oh! sim! — responderam em coro as pequenas bailarinas, que, logo que evocaram a imagem do Persa, fizeram cornos com o dedo indicador e o mínimo em riste para esconjurar o Destino, enquanto o dedo médio e o anular ficavam dobrados sobre a palma da mão e seguros pelo polegar.

— ... E quanto o Gabriel é supersticioso! — continuou Jammes. — Mas ele é sempre educado e quando vê o Persa contenta-se em enfiar tranquilamente a mão no bolso e tocar as suas chaves... Pois bem, logo que a porta se abriu diante do Persa, o Gabriel deu um salto da poltrona onde estava sentado até a fechadura do armário, para tocar em ferro! Nesse movimento ele rasgou num prego toda uma aba de seu paletó. Com pressa de sair, ele foi bater a cabeça num cabide e fez um galo enorme; depois, recuando bruscamente, esfolou o braço no biombo, perto do piano; quis apoiar-se no piano, mas tão desajeitadamente que a tampa lhe caiu sobre as mãos e lhe esmagou os dedos; saltou como um louco para fora do escritório e finalmente calculou tão mal o tempo ao descer as escadas que despencou sobre os quadris por todos os degraus do primeiro andar. Eu ia passando nesse momento com a sra. Precipitamo-nos para levantá-lo. Ele estava todo machucado e com o rosto cheio de sangue, que até dava medo. Mas logo ele se pôs a sorrir e a exclamar: “Obrigado, meu Deus! por ter-me livrado disso por tão pouco!” Então nós o interrogamos e ele nos contou todo o seu medo. Esse medo lhe tinha vindo do fato de ele ter visto, atrás do Persa, o fantasma! *O fantasma com a caveira*, como o descreveu Joseph Buquet.

Um murmúrio assustado saudou o fim dessa história, a cujo término Jammes chegou toda esbaforida, de tão depressa que a tinha narrado, como se estivesse sendo perseguida pelo fantasma.

Em seguida, houve ainda um pequeno silêncio que interrompeu, a meia-voz, a pequena Giry, enquanto, muito comovida, Sorelli polia as unhas.

— Joseph Buquet faria melhor se se calasse — enunciou Meg.

— Por que então ele ia se calar? — perguntaram-lhe.

— É a opinião da mamãe... — replicou Meg, em voz bem baixa desta vez, e olhando em torno de si, como se tivesse medo de ser ouvida por outros ouvidos que não os daquelas que estavam ali.

— E por que sua mãe tem essa opinião?

— Psiu! Mamãe diz que o fantasma não gosta que o aborreçam!

— E por que é que ela diz isso, a sua mãe?

— Porque... porque... nada... — disse Meg.

Essas sábias reticências tiveram o condão de exasperar a curiosidade daquelas mocinhas, que se acotovelaram em torno da pequena Meg Giry e lhe suplicaram que se explicasse. Estavam ali, ombro a ombro, debruçadas num mesmo movimento de pedido e de espanto. Comunicavam seu medo umas às outras, sentindo nisso um prazer penetrante que as gelava.

— Jurei não dizer nada! — replicou ainda Meg num sopro.

Mas elas não lhe deram sossego e prometeram guardar tão bem silêncio que Meg, que ardia de desejo de contar o que sabia, começou, com os olhos fixos na porta:

— Está bom... é por causa do camarote...

— Que camarote?

— O camarote do fantasma!

— O fantasma tem um camarote?

Diante dessa ideia de que o fantasma tinha o seu camarote, as bailarinas não puderam conter a sua estupefação. Entre pequenos suspiros, elas disseram:

— Oh! meu Deus! conte... conte...

— Mais baixo! — ordenou Meg. É o primeiro camarote, o de número 5, vocês sabem, o primeiro camarote de boca, da esquerda.

— Não é possível!

— É como eu lhes estou dizendo... É a mamãe a lanterninha que cuida dele... Mas vocês juram mesmo que não vão contar nada?

— Lógico que sim, mas continue!...

— Pois é, é o camarote do fantasma... Ninguém entra ali há mais de um mês, exceto o fantasma, evidente, e foi dada ordem à administração para nunca mais o alugar...

— E é verdade que o fantasma vai lá?

— É sim...

— Mais alguém vai lá?

— Não!... *Apenas o fantasma vai até lá, mais ninguém.*

As bailarazinhas se entreolharam. Se o fantasma ia ao camarote, elas deviam vê-lo, já que ele trajava uma roupa preta e tinha uma caveira em lugar do rosto. Foi o que disseram a Meg, mas esta lhes replicou:

— Justamente! A gente não vê o fantasma! E ele não tem nem roupa nem caveira!... Tudo isso que contaram a respeito da caveira e da cabeça de fogo dele são balelas! Ele não tem nada disso... A gente apenas o ouve quando ele está no camarote. Mamãe nunca o viu, mas ouviu. Mamãe bem sabe, pois é ela quem lhe dá o programa!

Sorelli achou que devia intervir:

— Giryzinha, você está zombando de nós.

Então a pequena Giry se pôs a chorar.

— Eu teria feito melhor se ficasse calada... Se um dia mamãe souber disso!... Mas é certo que Joseph Buquet faz mal de se ocupar com coisas que não são da conta dele... isso vai lhe dar azar... mamãe estava dizendo isso ainda ontem à noite...

Nesse momento, ouviram-se passos possantes e apressados no corredor e uma voz esbaforida que gritava:

— Cécile! Cécile! Você está aí?

— É a voz da mamãe! — disse Jammes. — O que será que aconteceu?

E ela abriu a porta. Uma honorável senhora, talhada como um granadeiro pomerânio, enfiou-se pelo camarim e deixou-se cair a gemer numa poltrona. Os olhos lhe rolavam, enlouquecidos, alumando lugubrememente a sua face de tijolo cozido.

— Que infelicidade! — exclamou. — Que infelicidade!

— O quê? O quê?

— Joseph Buquet...

— Joseph Buquet o quê?

— Joseph Buquet morreu!

O camarim se encheu de exclamações, de protestos, de assustados pedidos de explicações...

— Sim... acabaram de encontrá-lo enforcado no terceiro patamar abaixo do palco!... *Mas o mais terrível* — continuou, ofegante, a pobre e honorável senhora —, *o mais terrível é que os maquinistas que encontraram o corpo afirmam que se ouvia em torno do cadáver algo como o canto dos mortos!*

— Foi o fantasma! — deixou escapar, como sem querer, a pequena Giry, mas caiu em si imediatamente: — Não!... não!... eu não disse nada!... não disse nada!...

Ao redor dela, todas as suas companheiras, aterrorizadas, repetiam em voz baixa:

— Com certeza! Foi o fantasma!...

Sorelli estava pálida...

— Nunca vou poder dizer o meu elogio — disse.

A mãe de Jammes deu a sua opinião esvaziando um cálice de licor que andava ali pela mesa: devia ter algum fantasma lá embaixo...

A verdade é que nunca se ficou sabendo direito como morreu Joseph Buquet. A perícia, sumária, não deu nenhum resultado, a não ser *suicídio natural*. Nas *Memórias de um diretor*, Moncharmin, que era um dos dois diretores, sucedendo aos srs. Debienne e Poligny, relata assim o incidente do enforcado:

“Um fatídico incidente veio perturbar a festinha que os srs. Debienne e Poligny estavam oferecendo a si mesmos para celebrar a sua saída. Estava no escritório da direção quando vi entrar de repente Mercier — o administrador. — Ele estava transtornado ao me informar que tinham acabado de descobrir, enforcado no terceiro patamar abaixo do palco, entre o suporte e um cenário do *Rei de Lahore*, o corpo de um maquinista. Eu exclamei: ‘Vamos desamarrá-lo!’ O tempo que eu levei para descer pela escadaria e para tirar a escada do suporte, o enforcado já estava sem a sua corda!”

Aí está uma ocorrência que o sr. Moncharmin acha natural. Um homem está enforcado na ponta de uma corda, alguém vai desamarrá-lo e a corda desaparece. Oh! O sr. Moncharmin encontrou

uma explicação bem simples. Ouçam-no: “*Estava na hora da dança, e corifeias e coristas tinham tomado as suas precauções contra o mau-olhado*”. Ponto-final. Vocês estão vendo daqui o corpo de baile tirando a escadinha do seu suporte e distribuindo entre si a corda de enforcado em menos tempo do que se leva para escrever. Não é sério. Quando penso, pelo contrário, no lugar exato onde o corpo foi encontrado — no terceiro patamar debaixo do palco —, imagino que podia haver *em algum lugar* algum interesse no desaparecimento dessa corda depois que ela tivesse feito o seu serviço e veremos adiante se não tenho razão para ter essa imaginação.

A sinistra notícia espalhou-se depressa de alto a baixo da Ópera, onde Joseph Buquet era muito estimado. Os camarins se esvaziaram, e as pequenas bailarinas, agrupadas em torno de Sorelli, como carneiros medrosos em torno do pastor, tomaram o caminho da academia, através dos corredores e das escadarias mal iluminadas, trotando com toda a pressa com as suas patinhas cor-de-rosa.

II

A NOVA MARGARIDA

No primeiro patamar, Sorelli chocou-se com o conde de Chagny que ia subindo. O conde, geralmente tão calmo, demonstrava grande exaltação.

— Eu estava indo ao seu camarim — disse o conde saudando a jovem de maneira muito galante. — Ah! Sorelli, que bela noite! E Christine Daaé: que triunfo!

— Não é possível! — protestou Meg Giry. — Há seis meses ela cantava como um prego! Mas deixe-nos passar, *meu caro conde* — disse a garota com uma reverência estouvada —, estamos em busca de notícias de um pobre homem que encontraram enforcado.

Nesse momento passava, atarefado, o administrador, que parou bruscamente ao ouvir a conversa.

— Como! Vocês já sabem, mocinhas? — perguntou em tom bastante rude... — Pois bem, não falem sobre isso... e sobretudo que os srs. Debiene e Poligny não sejam informados! Isso seria demasiado penoso para eles no último dia.

Todos foram para o pavilhão da dança, que já estava invadido.

O conde de Chagny tinha razão; nunca uma noite de gala fora comparável àquela; os privilegiados que a assistiram falam dela comovidos aos seus filhos e netos. Imaginem pois que Gounod, Reyer, Saint-Saëns, Massenet, Guiraud, Delibes subiram cada um por sua vez no tablado do maestro e dirigiram pessoalmente a execução de suas obras. Tiveram, entre outros intérpretes, Faure e Krauss, e foi nessa noite que se revelou ao Tout-Paris estupefato e ébrio essa Christine Daaé cujo destino misterioso quero dar a conhecer neste livro.

Gounod tinha feito executar *A marcha fúnebre de uma marionete*; Reyer, a sua bela abertura de *Sigurd*; Saint-Saëns, *A dança macabra* e uma *Rêverie orientale*; Massenet, uma *Marcha húngara* inédita; Guiraud, o seu *Carnaval*; Delibes, *A valsa lenta de Sylvia* e os *pizzicati* de *Coppelia*. As cantoras Krauss e Denise Bloch interpretaram, a primeira, o bolero das *Vésperas sicilianas*; a segunda, o *brindisi* de *Lucrecia Bórgia*.

Mas todo o triunfo pertenceu a Christine Daaé, que primeiro se fizera ouvir em alguns trechos de *Romeu e Julieta*. Era a primeira vez que a jovem artista cantava essa obra de Gounod, que, aliás, ainda não tinha sido trazida para a Ópera de Paris e que a Opéra Comique acabava de retomar muito tempo depois de ter sido montada no antigo Théâtre-Lyrique pela sra. Carvalho. Ah! Há que se lamentar aqueles que não puderam ouvir Christine Daaé nesse papel de Julieta, que não conheceram a graça singela, que não vibraram com os acentos de sua voz seráfica, que não sentiram voar por sobre os túmulos dos amantes de Verona: “*Senhor! Senhor! perdoai-nos!*”

Pois bem, tudo isso ainda não era nada diante dos acentos sobre-humanos que ela fez ouvir no ato da prisão e o trio final de

Fausto, em que ela substituiu a cantora Carlotta, que estava indisposta. Nunca se tinha visto isso!

Isso era a “nova Margarida” que Christine Daaé estava revelando, uma Margarida de um esplendor, de um brilhantismo ainda insuspeitos.

A sala toda saudara com os mil clamores de sua inenarrável emoção Christine, que soluçava e desfalecia nos braços de suas companheiras. Foi preciso carregá-la para o camarim. Ela parecia ter entregue a alma. O grande crítico P. de St.-V. fixou a lembrança inesquecível desse minuto maravilhoso numa crônica a que deu justamente o título de *A nova Margarida*. Como grande artista que era, descobria simplesmente que essa bela e doce menina tinha trazido naquela noite, para o tablado da Ópera, um pouco mais do que a sua arte, ou seja, o seu coração. Nenhum dos amigos da Ópera ignorava que o coração de Christine tinha permanecido puro como aos quinze anos, e P. de St.-V. declarou “que, para compreender o que acabava de acontecer com Christine Daaé, *estava na necessidade de imaginar que ela tinha acabado de amar pela primeira vez!* Talvez eu seja indiscreto”, acrescentou, “mas só o amor é capaz de realizar tamanho milagre, tão fulminante transformação. Ouvimos, há dois anos, a Christine Daaé em seu concurso para o Conservatório, e ela nos dera então uma esperança encantadora. *De onde vem o sublime de hoje? Se ele não desce do céu nas asas do amor, será preciso pensar que ele sobe do inferno e que Christine, como o mestre de canto Ofterdingen, firmou um pacto com o Diabo!* Quem não ouviu a Christine cantar o trio final de *Fausto* não conhece *Fausto*: a exaltação da voz e a embriaguez sagrada de uma alma pura não poderiam ir além”.

Entretanto, alguns assinantes protestavam. Como puderam ter-lhes escondido durante tanto tempo semelhante tesouro? Christine Daaé fora até então um Siebel conveniente junto dessa Margarida algo esplendidamente material que era Carlotta. E foi necessária a ausência incompreensível e inexplicável de Carlotta, nessa noite de gala, para que, sem qualquer preparação, a pequena Christine Daaé pudesse dar toda a medida do seu valor numa parte do programa reservada à diva espanhola! Finalmente, como, pri-

vados de Carlotta, os srs. Debiegne e Poligny tinham-se dirigido a Christine Daaé? Eles conheciam então o seu gênio escondido? E se eles o conheciam, por que o esconderam? Coisa estranha, não se conhecia o seu professor atual. Ela tinha declarado várias vezes que, doravante, trabalharia sozinha. Tudo isso era bem inexplicável.

O conde de Chagny tinha assistido, de pé em seu camarote, a esse delírio e a ele se juntara com os seus “bravos” retumbantes.

O conde de Chagny (Philippe-Georges-Marie) tinha então exatamente 41 anos. Era um grande senhor e um belo homem. Com altura acima da média, rosto agradável, apesar da fronte severa e dos olhos um pouco frios, ele era extremamente cortês e fino com as mulheres e um pouco altivo com os homens, que nem sempre lhe perdoavam os seus sucessos mundanos. Tinha excelente coração e consciência honesta. Pela morte do velho conde Philibert, ele se tornara o chefe de uma das mais ilustres e antigas famílias da França, cujo lado nobre remontava até Louis le Hutin. A fortuna dos Chagny era considerável, e quando o velho conde, que era viúvo, morreu, não foi tarefa fácil para Philippe aceitar gerir tão pesado patrimônio. As suas duas irmãs e o irmão Raoul não quiseram ouvir falar de partilha e deixaram tudo entregue a Philippe, como se o direito de primogenitura não tivesse deixado de existir. Ao se casarem as duas irmãs — no mesmo dia —, retomaram as suas partes das mãos do irmão, não como algo que lhes pertencesse, mas como um dote pelo qual expressaram a maior gratidão.

A condessa de Chagny — nascida de Moerogis de La Martynière — tinha morrido ao dar à luz Raoul, nascido vinte anos depois do seu irmão primogênito. Quando morreu o velho conde, Raoul tinha 12 anos. Philippe cuidou ativamente da educação do menino. Nessa tarefa, foi admiravelmente secundado pelas irmãs, primeiro, e depois por uma velha tia, viúva de um marinheiro, que morava em Brest e que passou ao jovem Raoul o gosto pelas coisas do mar. O rapaz inscreveu-se na escola naval do *Borda*, foi classificado entre os primeiros e realizou tranquilamente a sua volta ao mundo. Graças a poderosos apoios, acabara de ser designado para tomar parte da expedição oficial do *Requin*, que tinha por missão procurar nas geleiras do polo os sobreviventes da expedição do

d'Artois, dos quais não se tinha notícias fazia três anos. Enquanto esperava, gozava de longas férias que não deviam terminar antes de seis meses, e as velhas senhoras da sociedade, moradoras no bairro nobre de Saint-Germain, ao verem esse menino bonito, que parecia tão frágil, já tinham dó dele pelos rudes trabalhos que o esperavam.

A timidez desse marujo, eu estaria até tentado de dizer, sua inocência, era notável. Parecia ter saído na véspera da mão das mulheres. De fato, mimado pelas duas irmãs e pela velha tia, ele havia conservado dessa educação puramente feminina maneiras quase cândidas, marcadas por um encanto que nada, até então, pudera empanar. Nessa época, tinha pouco mais de 21 anos e parecia ter 18. Possuía um bigodinho loiro, belos olhos azuis e cútis de moça.

Philippe mimava muito Raoul. Primeiro, tinha muito orgulho dele e previa com alegria uma carreira gloriosa para o seu caçula nessa Marinha em que um de seus antepassados, o famoso Chagny de La Roche, tivera o posto de almirante. Aproveitava a licença do jovem para lhe mostrar Paris, desconhecida por este no que pode oferecer de alegria luxuosa e de prazer artístico.

O conde estimava que, na idade de Raoul, não se é totalmente ajuizado. Era um caráter equilibrado, o de Philippe, ponderado tanto em seus trabalhos como em seus prazeres, sempre de uma postura perfeita, incapaz de dar ao irmão um mau exemplo. Levou-o consigo por toda parte. Fê-lo até conhecer o pavilhão da dança. Bem sei que andavam dizendo que o conde “se dava extremamente bem” com Sorelli. Mas o quê! Alguém pode querer fazer um crime do fato de esse gentil-homem, que escolheu ficar solteiro e, por conseguinte, tinha bastantes lazeres diante de si, principalmente depois que as irmãs tinham-se casado, vir passar uma hora ou duas, depois do jantar, na companhia de uma bailarina que, evidentemente, não é lá muito espiritual, mas tinha os mais lindos olhos do mundo? E, além disso, há lugares onde um verdadeiro parisiense, quando ocupa a posição do conde de Chagny, deve aparecer e, nessa época, o pavilhão da dança da Ópera era um desses lugares.

Finalmente, talvez Philippe não tivesse conduzido o irmão aos bastidores da Academia Nacional de Música se ele não tivesse sido

o primeiro, por repetidas vezes, a pedir-lhe que o fizesse, com uma gentil obstinação de que o conde se lembraria mais tarde.

Philippe, depois de ter aplaudido a Christine Daaé naquela noite, voltara-se para o lado de Raoul e o vira tão pálido que ficou assustado.

— Você não está vendo — disse Raoul — que essa mulher está se sentindo mal?

De fato, no palco tiveram de segurar Christine Daaé.

— É você que vai desmaiar... — disse o conde inclinando-se para Raoul. — O que é que você tem?

Mas Raoul já estava de pé.

— Vamos — disse ele com voz trêmula.

— Aonde você quer ir, Raoul? — interrogou o conde, admirado com a emoção em que se encontrava o caçula.

— Ora, vamos ver! É a primeira vez que ela canta assim!

O conde olhou curiosa e fixamente para o irmão e um leve sorriso brincalhão delineou-se no canto de seus lábios.

— Bah!... — exclamou, para logo acrescentar: — Vamos! Vamos!

Ele parecia encantado.

Logo chegaram à entrada dos assinantes, já toda congestionada. Enquanto esperavam para poder entrar no palco, Raoul rasgava as suas luvas, num gesto inconsciente. Philippe, que era bom, não zombou da sua impaciência. Mas ele já estava sabendo. Agora sabia por que Raoul permanecia distraído quando falava com ele e também por que parecia sentir tão grande prazer em levar todos os assuntos das conversas para a Ópera.

Penetraram ambos sobre o tablado.

Uma multidão de roupas pretas comprimia-se na direção do pavilhão da dança ou se dirigia aos camarins das artistas. Aos gritos dos maquinistas se misturavam as alocações veementes dos chefes de serviço. Os figurantes do último quadro que se vão, que se chocam com você, uma armação de cenário que passa, uma tela de fundo que desce do suporte, um suporte que é subjugado a grandes marteladas, o eterno “deem lugar para o teatro” que repica em seus ouvidos como a ameaça de alguma nova catástrofe pa-

ra a sua cartola ou de uma contusão séria em suas costas, tal é o acontecimento habitual dos intervalos que nunca deixam de perturbar um noviço como o jovem de bigodinho loiro, de olhos azuis e cútis de moça que atravessava, tão depressa quanto o congestionamento lhe permitia, esse palco sobre o qual Christine Daaé tinha acabado de triunfar e sob o qual Joseph Buquet tinha acabado de morrer.

Naquela noite, nunca a confusão havia sido mais completa, mas Raoul nunca estivera menos tímido. Afastava com os ombros firmes tudo aquilo que lhe opunha obstáculo, não ligando para o que se dizia em torno dele, não tentando entender as falas apavoradas dos maquinistas. Estava preocupado apenas com o desejo de ver aquela cuja voz mágica lhe havia arrancado o coração. Sim, ele sentia que o seu coração tão novo já não lhe pertencia. Bem que tentara se defender desde o dia em que Christine, a quem conhecera ainda pequena, tinha reaparecido em sua frente. Sentira diante dela uma emoção dulcíssima que ele havia tentado rechaçar, pela reflexão, pois tinha jurado que, tamanho era o respeito por si mesmo e sua fé, que só amaria aquela que viria a ser a sua mulher, e não podia pensar, nem por um segundo, em desposar uma cantora; mas eis que à dulcíssima emoção sucedera uma sensação atroz. Sensação? Sentimento? Havia dentro daquilo algo de físico e algo de moral. Sentia dor no peito, como se este houvesse sido aberto para tomar-lhe o coração. Sentia ali um buraco horrível, um vazio real que não poderia nunca mais ser preenchido senão pelo coração de outra pessoa! Esses são acontecimentos de uma fisiologia toda particular que, ao que parece, não podem ser compreendidos senão por aqueles que foram atingidos pelo amor, com esse golpe estranho a que chamam, em francês corrente, *coup de foudre*, literalmente: “golpe de raio”.

O conde Philippe tinha dificuldade para segui-lo. Continuava sorrindo.

No fundo do palco, passada a porta dupla que dá para os degraus que conduzem ao pavilhão e para os que levam aos camarins à esquerda do pavimento térreo, Raoul teve de parar diante do pequeno grupo de jovens bailarinas que, tendo descido havia pouco

do sótão, impediam-lhe a passagem. Não faltaram gracejos a ele dirigidos pelas meninas de lábios pintados, às quais ele não respondeu; finalmente pôde passar e mergulhou nas sombras do corredor barulhento de exclamações de entusiastas admiradores. Um nome cobria todos os rumores: “Christine Daaé! Christine!” O conde, seguindo Raoul, se dizia: “O malandro conhece o caminho!”, e perguntava a si mesmo como o havia aprendido. Ele próprio nunca havia levado Raoul ao camarim de Christine. É de crer que este tinha ido sozinho enquanto o conde ficava conversando no camarim com Sorelli, que muitas vezes lhe pedia que ficasse junto dela até o momento de entrar em cena, e que por vezes tinha essa mania tirânica de lhe pedir que tomasse conta das pequenas perneiras com que descia do seu camarim, as quais usava para proteger o brilho de suas sapatilhas de cetim e a limpeza do seu *collant* da cor da pele. Sorelli tinha uma desculpa: perdera a mãe.

O conde, retardando em alguns minutos a visita que devia fazer a Sorelli, seguia, pois, a galeria que conduz ao camarim de Christine e se dava conta de que esse corredor nunca tinha sido tão frequentado como nessa noite, quando todo o teatro estava em polvorosa devido ao sucesso da artista, e também do seu desmaio. Porque a bela menina ainda não havia voltado a si, e tinham ido buscar o médico do teatro, que nesse momento chegou, empurrando os grupos e seguido de perto por Raoul, que lhe andava nos calcanhares.

Assim, o médico e o enamorado se viram no mesmo instante ao lado de Christine, que recebeu os primeiros socorros de um e abriu os olhos nos braços do outro. O conde tinha ficado, com muitos outros, na soleira da porta diante da qual se sufocava.

— O senhor não acha, doutor, que esses senhores deveriam “desentulhar” um pouco o camarim? — perguntou Raoul com incrível audácia. — Não se pode mais nem respirar aqui.

— Ora, o senhor tem toda a razão — aquiesceu o médico e pôs todo mundo para fora da porta, com exceção de Raoul e da camareira.

Esta olhava para Raoul com olhos arregalados pela mais sincera estupefação. Nunca o tinha visto antes.

Não ousou, no entanto, questioná-lo.

E o médico imaginou que, se o jovem agia assim, era evidentemente porque tinha esse direito. Tanto que o visconde permaneceu no camarim a contemplar Christine que renascia para a vida, enquanto os dois diretores, os próprios srs. Debiegne e Poligny, que tinham vindo exprimir a admiração pela sua jovem pensionista, foram rechaçados para o corredor. O conde de Chagny, rechaçado como os outros, ria às gargalhadas.

— Ah! esse malandrinho! Ah! esse malandrinho! E acrescentava *in petto*: — Não confiar nesses mancebos que tomam ares de donzelas! — Estava radiante. Em seguida concluiu: — É um Chagny! — e se dirigiu ao camarim de Sorelli; mas esta descia para o pavilhão com o seu pequeno rebanho tremendo de medo, e o conde encontrou-a a caminho, como foi dito.

No camarim, Christine Daaé deu um suspiro profundo ao qual respondeu um gemido. Ela virou a cabeça, viu Raoul e estremeceu. Olhou para o doutor e lhe sorriu, depois para a camareira, depois de novo para Raoul.

— Meu senhor! — perguntou ela a este último, com uma voz que ainda não passava de um sopro — ... quem é o senhor?

— Senhorita — respondeu o jovem que colocou um joelho no chão e deu um ardente beijo na mão da diva —, senhorita, *eu sou aquele menino que foi recolher a sua echarpe no mar.*

Christine olhou de novo para o médico e para a camareira e os três puseram-se a rir. Raoul ergueu-se todo vermelho.

— Senhorita, já que lhe apraz não me reconhecer, eu queria lhe dizer algo em particular, algo muito importante.

— Quando eu estiver melhor, meu senhor, importa-se? — e a voz dela tremia. — O senhor é muito gentil...

— É preciso que o senhor saia... — acrescentou o médico com o mais amável de seus sorrisos. — Deixe-me cuidar da senhorita.

— Eu não estou doente — replicou de repente Christine com uma energia tão estranha quanto inesperada. E levantou-se, passando a mão sobre as pálpebras num gesto rápido. — Agradeço-lhe, doutor!... Preciso ficar sozinha... Saiam todos! Eu lhes rogo, deixem-me... Estou muito nervosa esta noite...



O médico quis externar alguns protestos, mas diante da agitação da jovem estimou que o melhor remédio para semelhante estado consistia em não contrariá-la. E saiu com Raoul, que se viu no corredor, desarvorado. O médico lhe disse:

— Não a estou reconhecendo esta noite... Geralmente ela é tão meiga...

E o deixou.

Raoul ficou só. Toda essa parte do teatro estava deserta agora. Devia-se proceder à cerimônia de adeus, no pavilhão da dança. Raoul pensou que talvez Christine fosse até lá e ficou esperando na solidão e no silêncio. Chegou até a dissimular-se na sombra propícia de um canto de porta. Continuava com essa horrível dor no lugar do coração. E era disso que ele queria falar com Christine, sem tardar. De repente a porta se abriu e ele viu a camareira saindo sozinha, carregando alguns pacotes. Ele a fez parar e pediu notícias de sua patroa. Respondeu rindo que ela ia muito bem, mas não se devia perturbá-la pois desejava ficar só. E foi-se embora. Uma ideia atravessou o cérebro abrasado de Raoul: evidentemente Christine queria ficar sozinha *para ele!*... Não lhe havia ele dito que queria falar com ela em particular e não foi esta a razão por que esvaziara o espaço em torno de si? Mal conseguindo respirar, aproximou-se do camarim e, de ouvido inclinado para a porta a fim de ouvir o que lhe seria respondido, dispôs-se a bater. Mas a sua mão caiu de volta. Acabara de perceber, no camarim, *uma voz de homem*, que dizia num tom singularmente autoritário:

— Christine, você precisa me amar!

E a voz de Christine, dolorosamente, que se adivinhava vir acompanhada de lágrimas, voz trêmula, respondia:

— Como pode me dizer isso? *Eu que só canto para você!*

Raoul apoiou-se na porta, de tanto que sofria. O seu coração, que ele acreditara ter ido embora para sempre, tinha voltado para o seu peito e lhe dava batidas retumbantes. Elas ressoavam por todo o corredor e os ouvidos de Raoul estavam ficando ensurdecidos. Certamente, se o coração dele continuasse fazendo tanto estardalhaço, iriam ouvi-lo, iriam abrir a porta e seria vergonhosamente expulso. Que situação para um Chagny! Ficar escutando atrás da